

Reminiscências do Futuro

Luisa Regina Pessoa

Hoje, nesta tarde ensolarada de abril de 2051, faço 96 anos. Minhas mãos, sem a firmeza de outrora, me impedem de escrever essas lembranças, o que me daria enorme prazer. Apenas falo, e as palavras aparecem, como que por encantamento, na tela desta máquina fantástica, tão distante do meu bom e velho COMPAQ de antigamente, onde comecei a escrever essa estória que finalizo tantos anos depois.

A sensação de andar entre minhas queridas bromélias, acariciar cada uma das muitas orquídeas – raras em flor nesse outono carioca –, sentir o cheiro forte das pitangueiras, do pé de tangerina, do limão galego, avistar de longe a trepadeira de bertalha, ali, resistente, *piece de resistance* desse jardim de subúrbio, e falar, lembrar, pensar alto, quase que contando uma história para esse pequeno mundo inanimado que compõe minha casa.

Não sei por quê, mas, depois de tantos anos, resolvi desenterrar coisas de um passado tão distante, retomar esse projeto iniciado numa tarde dolorosa de janeiro de 2001. Talvez a culpa esteja nos meus 96 anos.

Olha-se para trás com a esperança de se ter deixado um mundo de coisas realizadas – de recordações..... Outrora, paixões, projetos, filhos, amigos, sonhos que saíram do calor das noites de verão para a realidade da vida; hoje, recordações, apenas recordações, que foram sendo guardadas nas gavetinhas da lembrança.

Talvez, reavivar esse projeto seja uma forma de olhar para frente através das lentes do passado. Talvez seja uma empreitada que me traga a esperança dos dias da mocidade, ou, apenas, me ocupem algumas tardes, fazendo com que os dias passem mais rápido.

Acho que nem mesmo agora, depois de tantos anos, consigo escrever bem: o português e eu continuamos brigando, como sempre. Mas, como dizia um saudoso amigo, melhor ser analfabeta do que muda.

De mais a mais, vou me ocupar em encontrar uma boa revisora e em procurar alguém que se disponha a publicar essas lembranças. Continuo com minha *ética utilitarista*, como quando tinha quarenta e poucos anos.

Posso ouvi-lo falando, e sua voz é, ainda hoje, carícia para os meus ouvidos....Lembro-me da primeira vez em que o vi: foi em dezembro de 1986. Eu estava ansiosa, apreensiva, sofrendo muito com o meu pequeno filho, de apenas dois anos, meu primeiro filho, internado no hospital.

Passei no trabalho para saber do pagamento: precisava de dinheiro, pois a conta de quase uma semana de internação seria alta. Saí de minha sala irritada, com uma certa brutalidade até, descontando naquela porta grande e trabalhada, com belas maçanetas douradas, toda a minha raiva pela doença do menino.

Quando me voltei, vi-o na outra extremidade do corredor. Com andar rápido e firme, ele venceu a distância que nos separava. Ao ir se aproximando, diminuiu o ritmo do andar e passou por mim, lentamente. Eu o olhei de soslaio, por cima dos óculos, um hábito adquirido em criança e reforçado pelo uso dos óculos – minha mãe achava que era um olhar de sonsa; talvez tivesse razão, é um olhar que olha sem que se perceba que se está olhando.

Achei-o um homem interessante, alto, forte, com andar de quem tem o mundo a seus pés. Ele estava todo de azul marinho, uma calça jeans e camisa de malha – na época chamavam-na de camisa pólo –; sua boca semi encoberta pela barba bem aparada e o bigode cheio era firme e sensual, seus olhos – pequenos, vivos e brilhantes – me olharam com intensidade, demonstrando curiosidade e interesse.

Posso senti-los me olhando, como se tudo estivesse acontecendo hoje, agora, nesta hora. Como se a força dessa lembrança tivesse me transportado para o passado,

como se estivéssemos ali, nós dois, naquele corredor que, lamentável, percebo agora, era tão curto, pois, inevitavelmente, ele iria passar por mim e se perder para sempre, como se esse cruzar entre nós dois o roubasse de mim, apagando-me as lembranças daqueles segundos de prazer.

Naquele dia ri para dentro, como se a força daquele olhar tivesse me trazido um conforto, uma sensação de estar sendo desejada, amada até, mesmo que apenas por uma fração de segundo.

Hoje, na solidão da distância, posso sorrir sem medo de me denunciar. Algumas plantas e um derradeiro raio de sol – que insiste em permanecer no jardim – são as únicas testemunhas desse meu sorriso cúmplice.

- Senhora, as crianças chegaram.

Essas poucas palavras, ditas quase como se desculpando pela inconveniência, me roubam o benemérito das recordações, me privam das lembranças, me trazem novamente ao presente, me lembram que é o dia de meu aniversário, e que as crianças estão aqui para comemorá-lo.

- Vovó, vovó, onde está o Merlim?

- Bisa, prende os cachorros. A pequena está chorando, ela tem medo do Merlim!

- Bisa, posso passear com o Caio?

- Vovó, o Zyon fugiu, saiu pelo portão e foi p´ra rua. Posso ir atrás dele?

Eis meus netos e bisnetos. Não são muitos; ao todo são oito crianças. Loiros, ruivos, morenos, formando uma escadinha que varia de 3 a 16 anos, magrinhos, gordinhos, calados, falantes, secos, carinhos, sedutores, briguentos, medrosos, quase que representando a humanidade. São as minhas crianças.....

Fazem parte das muitas realizações, dos sonhos que se materializaram em bracinhos rosados, pés gorduchos, dentes tortos, olhares travessos, bocas sujas de doce, fraldas encharcadas de xixi, gritos de alegria, gritos de guerra, socos e puxões

de cabelo, que povoam o universo dessas criaturinhas tão bem-vindas em minha vida.

Vai ser uma festa à moda antiga. Como os adultos só chegarão mais tarde, depois do trabalho, teremos quase três horas para preparar tudo.

Os doces já estão prontos e esfriando em cima da mesa do alpendre. O bolo precisa ser confeitado e os sanduíches preparados. As bolas estão por encher, as mesas por arrumar; teremos que distribuir o trabalho entre aquela gurizada.

Para nós, a festa começa agora - enrolando docinhos, escrevendo *parabéns* de jujuba no *glacê* branquinho do bolo, lambuzando as fatias de pão com maionese, estourando uma bola atrás da outra, quase que sem sobrar nenhuma para enfeitar a casa.

Eles, os adultos, dividirão os momentos de formalidades, as conversas na varanda entre doses de *whisky* ou copos de cerveja, jamais suspeitando que aquelas mãozinhas, que ora estavam num cachorro ora num doce ou num salgado, prepararam os petiscos da festa.

Mal nasci e já tenho 96 anos.

Todos se foram. Voltei ao jardim para tentar encontrar o passado, mas em vão, ele se fora.....Descobri, então, que teria uma longa e solitária noite, com a cama vazia, coisa que, mesmo aos 96 anos, não me agradava.

Poderia passar o tempo revendo os presentes que ganhara: uma linda orquídea com cachos amarelos, um livro de contos, um vidro de Chanel nº 5 que me trouxe gratas lembranças, um brinco de prata, uma manta de lã, para o inverno que se aproximava, um novo programa de Tarô e algumas outras coisas de menor importância.

Fui para o meu quarto remexer as gavetas da cômoda em busca sei lá de que, quando me deparei com o lenço vermelho em que guardo meu antigo e primeiro baralho de Tarô. Pensei em fazer um jogo. Por que não? Ainda me dá prazer conhecer o futuro, ver o que me espera nos anos que ainda tenho de vida. Quem sabe, descobrir sobre este projeto de retomar um romance iniciado há 50 anos atrás.

Ao abrir a caixa de papel para tirar as cartas, tudo se espalhou pelo chão, e a primeira carta avistada foi o cinco de copas. Lá estava ele, o meu homem, Marte em Escorpião – o guerreiro se apossou do capacete de Hades. Não passaria mais uma noite solitária. Como sempre, nas batidas da meia noite, ele surgiria para aquecer a minha cama, para me envolver em seus braços, para me aconchegar em seu peito, para me fazer sonhar e ter a certeza de que ainda estou viva.